

16 de Julho

QUARENTA e cinco anos passaram sobre aquele dia em que o Senhor veio por Pai Américo e o levou — acontecimento longe das nossas previsões porquanto a sua idade e boa forma física e intelectual não no-lo faziam supor.

Hoje, no Evangelho, começámos a ler a notícia dada por S. Lucas do sucedido ao longo da última viagem de Jesus a Jerusalém. Só Ele sabia que era a última; e por isso, porque «se aproximavam os dias de ser levado deste mundo», o relato dela é cheio de sugestões sobre o espírito que o Mestre quer infundir nos discípulos para os transformar de, ainda tão carnais que eram, nas colunas espirituais da Sua Igreja.

E Esta, que é Mãe e Mestra, associa, neste Domingo, à Palavra do Evangelho, estoutira de S. Paulo aos Gálatas (5/1. 13-18) para advertência do homem terreno que todos somos: «A carne tem desejos contrários aos do Espírito. (...) São dois princípios antagónicos e por isso não fazeis o que quereis. (...) Mas se vos deixais guiar pelo Espírito», sereis livres, pois «foi para a verdadeira liberdade que Cristo vos libertou». E a verdadeira liberdade consiste no exercício da Caridade: «por ela colocai-vos ao serviço uns dos outros».

Neste dia que o Evangelho refere, Jesus deixa duas afirmações inequívocas: É Ele quem chama; e aos que chama, chama radicalmente. Pede-lhes muito e dá-lhes todas as graças necessárias para que eles respondam ao chamamento. Este diálogo e compromisso transcende os critérios da carne, critérios de segurança e de lucro. Os critérios espirituais que são os da Fé, fundam-se na Promessa: a de que «Eu estarei convosco todos os dias» — eis a segurança; e a de que «não fica sem recompensa um simples copo de água dado a um pequenino em Meu nome» — eis o lucro.

Pai Américo acreditou e viveu esta Promessa e ainda hoje ajuda outros a vivê-la. Viu e pensou e agiu com outros olhos e com outra mente que não os do mundo. E mostrou e mostra pela continuação da Obra que Deus o fez fazer que esta aventura é ainda o caminho de menos risco que o homem viador pode seguir. Quarenta e cinco anos depois, ele é uma recordação viva e calorosa em muitos que o conheceram e o vão agora conhecendo — sinal comprovativo de que Deus não falta à Sua Promessa; e de que constrói mais firmemente quem procura alicerce nesta Promessa do que os que se apoiam nos protocolos e tratados do mundo.

Mas tal como há um ano esta data foi festejada a dobrar com as ordenações de Padre Custódio em Maputo e Padre Manuel Mendes no Porto, este ano temos uma outra celebração, tão modesta na sua exterioridade quão rica no seu conteúdo: Os cinquenta anos de sacerdotado do nosso Padre Telmo. O ano passado festejá-los-ia o Padre Horácio, mas a morte antecipou-se. Agora é Padre Telmo, em quem, tal como em Pai Américo, se vê retratada a Palavra de Deus que hoje celebrámos e acima evoquei.

Quando da sua vinda para a Obra o pedimos e o recebemos do seu Bispo, o Senhor D. Abílio disse que sim, sorrindo afavelmente e acrescentou: «Ele é um cabouqueiro». É verdade, um homem dos alicerces, que não fez mais em sua vida senão procurar o firme, sobre que se pode construir para a Eternidade. E por isso construiu e continuará, decerto até que se aproxime o seu dia de ser levado deste mundo.

Dele dão testemunho neste Jornal um filho e um irmão: O Manuel Fernandes que Padre Telmo ajudou a ser homem e amigo fiel e grato, o que é uma grande virtude, hoje não muito frequente; e o Padre Francisco Moscoso, irmão no sacerdotado e companheiro na ordenação, a quem enviamos um abraço muito amigo e grato pela sua dedicação de que todos nós, padres da rua, partilhamos.

Padre Carlos



ESTAMOS a celebrar a festa da Obra da Rua. Pai Américo nasceu para o mundo dos santos do Céu em 16 de Julho de 1956. Por este motivo, o 16 de Julho foi declarado dia da festa da Obra da Rua. A família de dentro e de fora junta-se à volta da mesa do Altar, em acção de graças, e, de seguida, toma a refeição em alegre convívio. É um momento muito rico em cada uma das Casas do Gaiato. Quem dera não se perca a lembrança deste aniversário!

Pai Américo, em hora de inspiração, disse: «A Obra começa quando eu morrer». O segredo do êxito, da perenidade e fecundidade da Obra da Rua está aqui. É fruto dum acto de Fé. Mais adiante diz: «A Obra da Rua é uma reconquista dum mundo des-cristianizado. Revelação do poder do Evangelho. Enterro de fórmulas de Assistência obsoletas. Palavra nova que a todos seduz». Esta palavra dá-nos força e transmite-nos confiança.

Há dias, vieram a nossa Casa, de visita, em passagem por Benguela, dois amigos, de Portugal, verdadeiramente apaixonados pela Obra da Rua. Deixei-os falar. No fim, tive a sensação de que estava no princípio, no auge, com Pai Américo ao leme. É verdade que a palavra dele é duma actualidade flagrante na hora de Angola, quando diz: «Há males tamanhos que só os grandes remédios

BENGUELA

Festa da Obra da Rua

curam. O mal da Criança que estende a mão é o maior dos nossos tempos. O maior, por consentirmos que um inocente nos peça aquilo a que tem direito. O maior, por se tratar de pequeninos redimidos por Cristo — e aqui é que está». A visão da realidade natural à luz da Fé dá-lhe outra grandeza e gera responsabilidade acrescida. E se juntarmos os males da criança aos males dos pais, das famílias? Pai Américo abriu-nos o caminho. Se noutras terras o mal não está, sobretudo, na falta de meios materiais, é muito mais grave a situação das crianças em Angola, onde faltam meios materiais e laços afectivos.

Na quinzena passada, pus o dedo numa ferida muito grave que afecta o corpo e a alma de muitíssimas das nossas crianças: Não ter pai. Não falo dos pais que morreram na guerra, sem o registo dos filhos. São a maioria. Falo dos que estão vivos, mas não dão o seu nome aos filhos. É muito triste ver um traço no lugar do pai, ou filho de pai desconhecido. A maior parte dos filhos que vivem em nossa Casa estão nestas condições. É uma lacuna, creio, não se falar

neste assunto, a nível oficial, sempre que se toca nas crianças da rua. Oxalá não venha a faltar legislação, devidamente regulamentada, que responsabilize os autores desta anormalidade. Devem ser chamados a contas. É necessário pôr um traço legal, pelo menos, nesta

anarquia geradora de tantos desequilíbrios! E, se já existir, seja posto em acção. O Ministério da Família e Promoção da Mulher, muito activo em muitas áreas, pode ter um papel determinante também neste campo. Não será também um assunto de promoção da mulher? É um

verdadeiro combate pela dignidade da mulher e dos filhos que dela nascem. O Ministério da Justiça, nas mãos de pessoa sensível aos problemas da Criança, tem uma palavra decisiva. O I.N.A.C. (Instituto Nacional da Criança) a quem está cometida a missão de velar pelos interesses das Crianças de Angola, a nível oficial, lance também a campanha a favor do direito de todas elas a ter um pai no seu documento de identidade. São feitas tantas campanhas! Voltaremos.

Neste dia da Festa deixai-me saborear convosco o pedacito de doutrina que Pai Américo viveu: «Não é que andamos às escuras; não andamos, não senhor. Mas a verdade é que os obreiros do Evangelho não fazem cálculos nem têm programas. Assim como os edifícios, também os alicerces da nossa vida oferecem muita segurança. Aqui, particularmente, Cristo Jesus é a Pedra Angular. Que ninguém edifique doutra maneira».

Padre Manuel António

SETÚBAL

Antigos gaiatos

O encontro dos gaiatos antigos, realizado, este ano, no dia do aniversário da abertura desta Casa, trouxe-nos uma lufada de esperança.

Não que nos tenham prometido algo de novo, ou que nos estimulassem com as suas dádivas, promessas, propósitos ou elogios. Nada disso!...

A sua presença, os desabaços e a sua postura na vida confirmam estarmos no caminho certo e, mais ainda, que tudo o resto que há por aí, em matéria de assistência a menores, que não siga esta introdução na vida que o Padre Américo iniciou com a inspirada pedagogia é somente um mero remendo ou profundo rasgão.

Nada como entregar a vida, criando-lhes um ambiente propício para que a tomem e exigindo-lhes contas da própria administração. Considerando-os uns homenzinhos, mas a sério e não a brincar somente.

Liberdade e responsabilidade de mãos dadas e sem eufemismos nem sofismas. Cada um deve dar aquilo para que tem capacidade. A cada rapaz é entregue a tarefa ou o cargo para que tem alguma habilidade.

Esta conjugação faz-se, naturalmente, nas famílias bem estruturadas. A família é também um resultado de esforços, geridos pelo amor.

Este é o único caminho avançado. De vanguarda, de progresso.

Não está ultrapassado pelo facto de só ser posto em prática nas Casas do Gaiato ou de ter uma experiência de sessenta anos. Ele assenta em princípios basilares imutáveis.

Todos os dias chegam a nossas Casas candidaturas de gente formada em sociologia, psicologia, pedopsiquiatria, ciências da educação, etc., a solicitar a entrada «nos quadros da instituição» acompanhadas dos respectivos currículos.

Após uma leitura ligeira, os envelopes mais o conteúdo tomam o lugar próprio: o cesto dos papéis.

Assim, naturalmente, por estes doutores(as) e seus associados no direito e na magistratura etc., a Casa do Gaiato é considerada uma obra retrógrada. Convém-lhes. Em nossas Casas não encontram emprego. E os seiscentos rapazes acolhidos nas Casas do Gaiato em Portugal, empregariam imensa gente se nos tornássemos uma obra oficial... e... inútil... se não prejudicial.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AINDA OS TRIGÉMEOS

— Damos-lhes as mãos. Também os nossos Leitores e as famílias do lado materno e paterno dos bebés.

Gesto bonito, que diz bem da Família-instituição.

Infelizmente, isto nem sempre acontece em problemas que tentamos resolver. O que nos faz sofrer...

No caso vertente, um parente afastado acompanha essa gente com espírito vicentino. E, por ele, conhecemos o ser e o estar da mãe; as dores que sente pela carga que Deus lhe deu; os naturais problemas e insuficiências da sua vividez, etc.

Tudo com um bafo de Fé, de Esperança.

VOZ DO PAPA — Dirigida aos responsáveis da *Economia Mundial*, através dos participantes no *Congresso sobre Globalização, Economia e Família* promovido, em Roma, pelo Conselho Pontifício da Família:

Entre os problemas de cuja solução depende, em parte, o bem-estar da Família, o Papa sublinha «a opção preferencial pelos Pobres, a distribuição justa dos recursos, a luta contra o desemprego, a defesa do ambiente, a luta contra os traficantes de drogas e a regulação da imigração e dos refugiados». Detendo-se de modo particular sobre a globalização, tema central dos trabalhos do Congresso, João Paulo II afirma em sua Mensagem: «A globalização permite nos dias de hoje grandes possibilidades de crescimento e de produção de riqueza; no entanto, todos admitem que a globalização não assegura, por si só, a justa distribuição dos bens entre os cidadãos

dos diferentes países. Na realidade, a riqueza produzida mantém-se muitas vezes concentrada em poucas mãos, com a consequente perda de poder por parte dos Estados nacionais, já bastante enfraquecidos nas áreas em vias de desenvolvimento, tendo de se confrontar com um sistema mundial governado por poucos centros e gerido por particulares.»

PARTILHA — Três mil, da assinante 66554, de Lisboa. «Embora saiba que é pouco — acentua com o coração nas mãos — é apenas uma migalhina para ajudar a uma embalagem de leite para as crianças trigémeas. Envergonho-me de ser tão pouco, mas aqui em casa também é tudo pouco.»

Pombal: Assinante 32100, melhor ainda «um anónimo», com «uma pequeníssima ajuda para amenizar o calvário da vida dos trigémeos».

Mais três mil, de Algés (Lisboa), pedindo «uma oração por alma do marido», e sublinhando que, «hoje, 19 de Junho, faríamos 40 anos de casados». Matrimónio para sempre!

Amadora: Assinante 19615 pôs a leitura d'O GAIATO em dia e manda «para a mãe dos trigémeos um cheque de cinco mil. Bem pouco para o que de certo necessita, mas é dado com muito carinho pela sua aflitiva situação. Um abraço fraternal e bem hajam pelo bem feito aos irmãos mais pobres».

Vinte mil, para os trigémeos, também, da assinante 31855, de Vila Franca de Xira, «modesta ajuda para a mãe dessas crianças. Deus guarde estes inocentes e os ajude a sobreviver neste mundo de tão difícil caminhada».

Lisboa: Cinco mil, de Maria Teresa, que lê «O GAIATO sempre com o coração e tudo me prende e em tudo reflito» — disse.

«Pequena contribuição», da assinante 14493, do Porto. «Deus vos dê forças para continuardes a ajudar quem menos tem».

Areia (Vila do Conde): Maria Manuela com «mais uma ajuda para as despesas na farmácia dos mais necessitados e um abraço amigo», que retribuimos.

Assinante 31104, de Lisboa, «abalada com o que aconteceu à minha saúde precária», e presente com a contribuição mensal, perora: «rezem por mim, que vejo na ajuda aos Pobres a melhor oração dirigida ao Senhor». Não se poderia dizer mais nem melhor!

Leça do Balio com vinte mil, de bom Amigo.

«Para a farmácia dos mais necessitados, cinco mil, por alma do marido da assinante 66277», de Rio de Mouro.

O dobro, do assinante 53241, do Luso, «que aplicarão como julgarem mais conveniente, conforme as necessidades».

Vila Nova de Famalicão: Idem, do assinante 4395, «uma gota no oceano das necessidades dos nossos irmãos a que prestam ajuda».

Assinante 7173, do Porto, presente com «a contribuição que, já há muito, ando para enviar. Agradeço tudo o que fazem». Nós, também.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

16 DE JULHO — É costume, neste dia, termos uma celebração ao ar livre, em memória de Pai Américo.

Vêm companheiros de todo o lado. Sobretudo aqueles que ainda conheceram o nosso Fundador.

Têm muitas saudades dele porque fundou a nossa Obra, que faz homens de centenas e centenas de rapazes.

PISCINA — A nossa piscina, que já estava pronta a ser utilizada pela comunidade, abriu as portas na quinta-feira, 28 de Junho. Foi uma alegria! Pequenos e grandes amenizaram a onda de calor que nos sufoca.

VISITANTES — As excursões escolares, a todos os níveis, que recebemos na roda do ano, estão a diminuir com o fim do ano escolar.

E vêm outras, de gente em férias, de todo o País, que por aqui passam para conhecer a nossa Obra.

LAVOURA — Com a força do calor e a água dos nossos poços, o milho já semeado começa a aparecer.

É com o milho que mantemos a alimentação do gado.

As batatas não tardam a ser colhidas. Mas estas são para a nossa mesa.

Carlos («Pote»)

DESPORTO — Nós tínhamos consciência de que não



Baptizados na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: Em cima, o Francisco; em baixo, um grupo de oito — no dia mais feliz das suas vidas.



iria ser fácil o torneio que se realizou nos dias 16 e 17 de Junho, em Cete, no qual também participámos com a nossa equipa de Iniciados. No primeiro jogo, a sorte não esteve do nosso lado, se bem que a diferença de estatura e também de idades, não estavam nada a condizer com as dos nossos rapazes. Por outro lado, não é menos verdade de que não estávamos nos melhores dias. Talvez por isso, não fomos capazes de pegar no jogo, como tudo fazia querer que iria acontecer. O nosso adversário esteve melhor do que nós, sobretudo na primeira parte, altura em que consegui fazer praticamente o resultado final. No segundo tempo, alterámos um pouco a estrutura da equipa, o que dificultou o trabalho ao adversário, que apenas conseguiu marcar um golo ao nosso guarda-redes, por sinal nem tem sido o titular. O resultado final foi-nos desfavorável o que nos empurrou para disputar, no dia seguinte, o terceiro e quarto lugares.

No que diz respeito ao árbitro, também não foi totalmente isento. Sem influência no resultado, amarelou a nossa equipa. Como se não bastasse, ainda mostrou um vermelho directo ao Ilídio, que o impediu de dar o seu contributo no jogo seguinte. Todos os rapazes estavam tristes, mas não desanimados. Nesta altura faltava ainda um jogo que, com muito esforço, empenho e dedicação, nos havia de levar à vitória. Foi o que aconteceu.

No dia seguinte deslocámo-nos novamente ao campo do Cete, aonde defrontámos a Associação Desportiva de Pedrosa. Vínhamos de uma derrota um

pouco pesada, tínhamos o Ilídio castigado e, ainda por cima, não pudemos contar com o Serafim que se lesionou no jogo anterior. Mesmo assim, depois de muito se ter trabalhado, lutado, e, sobretudo, nunca se ter desanimado, conseguimos uma preciosa vitória que nos deu o terceiro lugar. Trouxemos uma bela taça, que para além de marcar a nossa presença no torneio, serve para ajudar a embelezar a nossa sala desportiva.

Todos os jogadores deram o seu melhor. Não quero, por isso mesmo, salientar o nome de quem quer que seja. No entanto, apenas um reparo que quanto a mim é de grande sentido de responsabilidade e dedicação a todo o grupo de trabalho, sobretudo ao Grupo Desportivo. Foi o caso do Rogério que, depois de eu dizer — já não vais entrar, logo a resposta pronta e com um sorriso nos lábios: «Eu não quero entrar, o que é preciso é que a gente ganhe». Temos sido alvo, ao longo desta época, de algumas atitudes menos boas, para benefício pessoal de alguns, mas em prejuízo do Grupo Desportivo. Todavia, também há quem tenha expressões como esta, recheada de muita compreensão e bom senso. Para o Rogério, não está em causa a sua entrada no jogo, mas a vitória de todos nós. Mais uma lição de um atleta de palmo-e-meio...

No final, a alegria dos rapazes era grande. Como grandes eles são, pela capacidade de bem servir o Desporto. Ao chegarmos a casa com a respectiva, foi bem visível a alegria, também, de todos aqueles que não puderam estar no torneio.

Alberto («Resende»)

MOÇAMBIQUE

Para quem conheceu com razoável profundidade a vida em África, não causa muita estranheza verificar o que, nos tempos de hoje, por aqui se passa.

Mas para os outros, que nem sabem encontrar num mapa este país, Moçambique, desde há muitos anos que só aparece aos olhos do mundo como o mais pobre deste nosso planeta global (global, em quê?). As catastróficas inundações do ano passado aprofundaram, na opinião pública mundial, o drama deste povo, e muita dádiva tem corrido para ajudar a construir uma nação onde haja um mínimo de dignidade de vida.

Os órgãos de informação mostram normalmente aquilo que é sensacionalista, aquilo que as pessoas querem ver e ouvir, mesmo sabendo que estão a mostrar só uma pequena parte da verdade. E nada pior do que meias verdades!

Além da pobre mulher que deu à luz um filho em cima de uma árvore, o mundo está cansado de ver as *escolas* à sombra dum cajueiro, um minúsculo quadro preto nele pendurado e os alunos, as crianças, sentados no chão a aprender as primeiras letras.

E para o *grande mundo*, ignorante, e bem instalado na vida, Moçambique limita-se a *maternidades* e *escolas silvícolas*!

Uma organização americana, na sua ânsia (?) de colaborar, enviou também alguns voluntários

RETALHOS DE VIDA

Carlos «Pote»



O meu nome de baptismo: Carlos Queirós Ramada Magalhães, conhecido por Carlos «Pote». Nasci em Mondim de Basto, a 9 de Dezembro de 1988. Vim para a

Casa do Gaiato com o meu irmão, Marco Filipe, em 12 de Setembro de 1994. Motivos da minha vinda: o nosso pai faleceu com problemas respiratórios e a mãe sem possibilidades de nos sustentar, lá em casa.

Agora, terminei o sexto ano de escolaridade. Nas horas vagas, ajudo o nosso tesoureiro — no seu escritório.

Gosto muito desta nossa Aldeia porque tem uma quinta grande e bonita.

Quando for crescido, desejaria ser contabilista. Sou adepto do Sporting Clube de Portugal.

Carlos

CALVÁRIO

Diálogo

O IÇO assobios no largo da Casa e vou espreitar quem parece satisfeito com a vida.

Enquanto arranja os jardins, o Marcelo vai assobiando. Um melro responde da árvore em que observa o rapaz. O diálogo já leva algum tempo e não interrompe a tarefa.

Por sobre os cedros esguios, defronte da varanda, larga e antiga, poisam algumas rolas mansas. Quietas e serenas, escondidas nos ramos das árvores, vigiam os ninhos. Nestes as mães aconchegam os filhos. Ali, nas alturas, ninguém os perturba. No entanto, os machos estão atentos e de guarda na crista dos cedros.

Ocupado e seduzido com as novidades técnicas que vai inventando, o homem, hoje, não dá atenção à natureza, a não ser quando esta abala o seu viver descontraído.

Dialogar com a natureza, observar o ritmo desta, as suas leis é entrar na sabedoria divina. Deus assim o quis e quer, há séculos. A natureza cumpre. As rolas vigiam os ninhos lá no alto. Também Deus quer que os pais estejam atentos ao crescimento dos filhos;

que os mais fortes protejam os mais fracos.

Mas esta lei anda pervertida nos tempos que correm. Na sociedade actual o mais forte é aquele que domina, quando devia ser aquele que protege, ama e mantém a segurança do mais débil.

Temos entre nós o pequeno Pepe em carro de rodas, com esclerose cerebral — doença rara e progressiva. Muito sofreu este pequeno ser humano antes de nos chegar às mãos! Agora todos o protegem e lhe prestam atenções. Todos estão atentos às suas necessidades.

Proteger o fraco é imperativo que compete aos mais capazes. No entanto, com naturalidade e aceitação geral, delega-se essa responsabilidade ao Estado, às Instituições, à Escola, aos outros.

Os adultos deviam proteger sempre os mais pequenos e fracos. É a lei natural. Mas na vida moderna parece que é natural seguir pelos caminhos da facilidade. Poucos se interrogam sobre os comportamentos que vão tendo na vida, mesmo quando a lei natural não é observada.

As pombas vigiam nos seus ninhos. Lá nas alturas apontam o caminho, mas poucos o seguem.

Se soubermos dialogar com a natureza encontramos muitos sinais para novo e melhor procedimento.

O Marcelo continua a assobiar e o melro a responder.

Também Deus nos assobia muitas vezes, mas nós não queremos retorquir.

Padre Baptista

Obra da Rua

Quem o conheceu
Logo percebeu
Que a sua vocação
Foi um dom
De crucifixo,
Predestinando-o:
A dar à fome o pão,
Ao frio o agasalho,
Em vez da rua o trabalho,
À ignorância a educação,
Dedicando-se ao menino
Abandonado,
E ao pobre explorado,
Imaginando e dando a vida
A muitas casas e lares
Com alegria.
É assim a Obra da Rua
Que foi criada para amar,
Por quem, de seu nome, se chama:
Américo Monteiro de Aguiar,
Mais conhecido no mundo
Por Pai Américo.

Alberto Augusto

MALANJE

Menino com onze anos



Pequena parte da fazenda da Carianga com mamão e papaia.

CHEGOU descalço com camisa até aos joelhos. É tímido e lento... Carga de tanta carência a pesar sobre si próprio.

Vivia num bairro, bairro?, aglomerado de casas, labirinto de ruas e sem luz nem água. Se, ao menos, uma torneira para pôr a cabeça por baixo, sentir e matar a sede... Mas, não, somente, no ar, a mesma poeira fina e, no chão de terra, as pocinhas de água dos despejos.

Andava por lá! Alguns vizinhos tinham pena e acudiam.

Triste a infância deste nosso menino que chegou ontem, tomou banho e vestiu roupa de lavado!

Mas ele há tantos irmãos deste menino!, que a guerra atirou para os labirintos de tantos bairros.

É Domingo. A nossa celebração dominical foi à sombra duma árvore na Casa da Carianga. Carianga é uma

Setúbal

Continuação da página 1

Não é que não recorramos a estes técnicos quando necessário. Vamos aos seus consultórios, conversamos com eles, reflectindo, aprendendo e aprofundando as nossas razões.

A ciência avança e é luz para o confronto com a experiência. Mas pô-los em nossa Casa seria um desastre. Não acreditam que seja possível o que a ciência ensina. Quando lhes falamos da nossa realidade deixam-nos a impressão de que estamos a brincar ou ao faz de conta.

Neste encontro dos antigos a que me referi, o Carlos quis contar-me a razão mais pesada que o levou a sair de Casa.

O tempo esbate facilmente os pequenos atritos sempre existentes entre pais e filhos, educadores e educandos.

É um benefício libertador, agente de paz, a distância dos acontecimentos que o tempo acarreta.

Mais estável, mais maduro, mais homem, sedento de tranquilidade interior e comunhão mútua, foi-me desfiando as suas amarguras.

«Da minha família salvámo-nos nós. O meu irmão e eu. O resto é uma desgraça geradora de mais desgraças.»

A mãe abandonou a casa fugindo com outro homem. O pai suicidou-se! E os cinco pequenos ficaram à deriva.

As duas irmãs mais novas que eles, foram para um colégio. O irmão mais velho ficou em casa do tio. O Vítor mais o Carlos fizeram-se nossos e nós deles.

O sentido da dignidade. O brio humano. A rectidão de carácter, a beleza da vida misturada com alguma angústia nascida dum problema de saúde, tudo se espelhava naquele olhar penetrante e afectuoso: «Só nós nos salvámos».

O bendizer da Casa do Gaiato não se ficava no pão, na higiene, na saúde, na escola, na responsabilidade, no ambiente, na formação da consciência religiosa. Tudo era accidental.

«Fizemo-nos homens. Sentimo-lo, no nosso meio.» Este é o caminho do Evangelho, da Vida e da Verdade. Por este caminho difícil, espinhoso, estreito e, por vezes, cruel, chegamos a Deus e à dignidade do homem. «Só nós nos salvámos!...»

Mas quem será capaz, assim, de mudar de rota?

Padre Acílio

fazenda a sete quilómetros da Casa do Gaiato, onde cultivamos milho, madioca, e pastam as nossas vacas. Fizemos uma camarata, um refeitório, cozinha e duas escolinhas. Recolhemos, cá, quarenta crianças que dormiam ainda nas lajes dos prédios inacabados da cidade.

Depois da Missa entrá-

mos no modesto refeitório com duas mesas compridas. O almoço foi um prato de arroz com uma salsicha. Delicioso! Água fresquinha e límpida! «Dange-ia-Menha» — Água que sai da pedra.

Lá fora, uma brisa suave brinca nas frondosas mulmebeiras!

Padre Telmo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Fizemos agora uma pausa nas visitas aos nossos irmãos mais carenciados. Isto quer dizer que estamos de férias, mas antes de partirmos cumprimos a tarefa de os visitar e conversar um pouco com todos eles.

As carências mantêm-se. Uma senhora aguarda uma casa, da Câmara, há mais de dez anos. Vive numa situação desagradável, sem o mínimo de condições, mas terá que esperar até que um dia seja lembrada por quem de direito.

As meninas gémeas estão bem. São lindas! Os pais lá vão conseguindo superar o barco com dificuldade, mas contam sempre com a nossa e a vossa ajuda.

Compram-se carros para os inquéritos e os *surveys*; viaja-se de avião entre o norte e o sul do Globo, como quem atravessa a rua para tomar um café porque no hemisfério norte há mais condições para reunir em belos relatórios encadernados as informações obtidas (?) e tudo isso custa muito dinheiro. Doador. Para matar a fome.

Mas, como se diz na terra de Pai Américo, «meter a mão na massa» e ajudar esta gente a comer, hoje, infelizmente, não se vê muito além do que aqui está para quem quiser vir e conferir, que é esta maravilhosa Casa do Gaiato!

Francisco G. de Amorim

N. R. — É, há mais de trinta anos, amigo da Obra da Rua. Vive desde 1975 no Brasil. Ofereceu-se agora para um semestre de trabalho voluntário na Casa do Gaiato de Moçambique.

rios, professores, para leccionarem inglês.

Jovens, animados com a sua juventude, desembarcaram equipados de barracas de campanha, fogareiro, panelas, pratos e garfos e rações de combate, medicamentos contra a malária, picada de cobra e trombada de elefante, como se o inglês, que neste caso é a terceira língua, pudesse ser ensinado à sombra dum cajueiro!

Assim chegou uma jovem à Casa do Gaiato, aqui, em Boane, como se viesse para um safari no tempo dos adversários Mouzinho de Albuquerque e Ngungunhane, ambos caídos em desgraça no seio deste povo. Um porque pertencia à raça dos invasores, o outro porque em vez de herói hoje é considerado um déspota, assassino, bêbado e... invasor, também.

Voltemos à jovem professora. Ao se deparar com a Obra da

Rua, e obrigada a descarregar do carro que a trouxe até cá toda a parafernália de sobrevivência no *mato*, corou de vergonha. Veio encontrar uma Obra que poderia estar em qualquer lugar, lá, nos Estados Unidos, onde eles pensam que são os reis do planeta! Discretamente, no dia seguinte, pediu que lhe viessem buscar aquelas *tralhas*.

Muitos milhões de dólares, de contos, de todas as moedas, têm vindo, oferecidos para Moçambique. Bem haja a quem os doa.

Mas como se joga fora o dinheiro! Fazem-se seminários, conferências, projectos e planos de futuro, de desenvolvimento harmónico e sustentável, e além disso, e sobretudo, fazem-se *workshops*, *plans*, *reports*, vêm técnicos, cientistas e catedráticos, e os indispensáveis *masters* e *experts* que ganham, em dólares, muitos, muitos dólares.

Saibamos partilhar um pouco da nossa amizade com os outros que nos rodeiam porque os nossos dias nesta terra são uma passagem...

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — M. M., dez mil, duas vezes. Amiga, de Fiães, a habitual oferta. Assinante 24431, cinco mil; Dolores, o cheque do costume. Assinante 14590, 1.000\$00. Teresa, de Lisboa, 5.000\$00.

Agradecemos, em nome dos nossos irmãos, e Deus vos proteja a todos.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 64.500 exemplares.

SETÚBAL

Aniversário

FOI em 1 de Julho de 1955, precisamente há 46 anos, que Pai Américo abriu «as portas» desta Casa do Gaiato de Setúbal ao Rapaz das Ruas desta Cidade ribeirinha. Portas que, inexistentes na altura, continuam ainda agora a existir unicamente em sentido figurado.

Era a última das Casas do Gaiato directamente fundadas por Pai Américo. Embora adivinhasse o canto do cisne na sua vida, no ano transacto, ainda houve tempo para lhe nascer este «filho» mais novo.

Era o derradeiro ano da sua vida que começava, com a inclusão na Obra da Rua desta Casa do Gaiato de Setúbal.

Padre Flausino, enviado pelo Arcebispo de Évora para o serviço da Igreja na Obra, assistia esta Casa e o Lar dos rapazes resinheiros de Alcácer, nos primeiros meses da sua existência. Coube depois a Padre Horácio, por cerca de um ano, e depois a Padre Baptista por equivalente período, a governação deste barco posto a navegar pela grande confiança que a sociedade de então depositava na Obra que Pai Américo foi construindo nos dezasseis anos mais intensos da sua vida.

Após os dois primeiros anos de vida desta Casa do Gaiato, o leme foi posto nas mãos de Padre Acílio, de que tem sido o timoneiro ao longo de mais de quarenta anos. Foi um acumular de muito saber à custa de muito esforço, e, sobretudo, de muita confiança nascida na fé n'Aquele que faz daqueles a quem ama, pescadores de homens.

Quando se parte para a faina da pesca, nunca se sabe o fruto que a pescaria proporcionará. Principalmente quando os instrumentos são rudimentares; e mais ainda, quando o saber é pouco. «Lançai as redes para o lado direito do barco, e haveis de encontrar», aconselha o Mestre desta barca que é a Igreja. Embora se possa juntar alguma angústia, pela incerteza humana do fruto a alcançar, domina a confiança no poder da Sua Palavra que é a Verdade.

Cada Casa do Gaiato é uma mãe e um pai para o rapaz que foi deixado ao abandono. Elas vão gerando, no seu seio, homens para a vida com verdade. Vida inteira, para além do tempo. Sente e sofre as dores do parto, muitas vezes ao longo de muitos anos. É esta a missão que lhe foi confiada.

O mundo continua a gerar muitos filhos no gozo em que anda distraído e iludido. Lança-os nas valetas da morte porque é incapaz de amar. Mais três rejeitados, de dois, quatro e nove anos, vão entrar na barriga desta Mãe para começarem uma vida nova, que se quer feliz e para fazer os outros felizes. Que não venham os falsos defensores da vida intrometer-se, para fazer vingar os seus egoísmos.

O barco continua a navegar, impelido pelo «vento» que não se sabe de onde vem nem para onde vai.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Na esmola que fazemos, o que mais vale é justamente o trabalho e o sacrifício de a dar.

PAI AMÉRICO



MOÇAMBIQUE

«Fiz-me tudo para todos»

SEI o quanto é estranho que de Moçambique não apareçam notícias n'O GAIATO. Há tanto tempo, que quase perdi o jeito de escrever. Embarça-me tanto falar do que estamos, neste momento, a fazer, como parar de fazer para escrever. É tanto que antes do acabamento num lado, já se começa noutra.

E assim não sabemos quando estarão concluídas as casas para quantos ficaram desabrigados; e estão subindo outras para quem anseia por deixar a palhota. E aqueles que nos primeiros anos de noventa, viviam em péssimas condições porque a formiga ou o vento deitou a casa abaixo, já hoje também estão a ver suas casas remodeladas.

Todas as Aldeias onde trabalhamos, como medida básica, têm atendimento diário de saúde, medicamentos necessários, em Postos adequados, com pessoal que periodicamente faz cursos de aperfeiçoamento.

O ano passado, foram mais de catorze mil os atendimentos de malária, sem contar outros. Recaiu sobre nós, no início do ano, o preparar isolamentos para o surto de cólera em Boane, Massaca e Goba. A nossa prevenção foi tão importante e oportuna, como vulgar se pode tomar por calamidade a ignorância.

Em nossa Casa, quanto a obras, nem bem acabámos a Aldeia e já temos necessidade de aumentar os escritórios. Mas as pocilgas estão em acabamento; a casa para abate de animais e preparação de hortaliças para conserva, igualmente; o aproveitamento das águas da chuva, que já tem captação a funcionar na lagoa, vai adiantado. O campo de futebol e piscina muito atrasados. O aproveitamento das águas da mina, há mais de um ano parado, vai arrancar de novo.

E se bem que, neste momento, estejamos tranquilos, há muito desejamos ampliar o sector de saúde, na previsão de lugar mais

confortável para a doença que não perdoa. Com os nossos recursos, aqueles cuja mãe morreu com sida, já fizeram todos os testes possíveis. Sempre estranhei, ao ler as estimativas do seu avanço neste país e vizinhos, como seria possível o cálculo adiantado. Agora compreendo que a contagem é feita em fase terminal, quando qualquer doença, e sobretudo a tuberculose, não regride com medicamentos. Na Massaca já acontece semanalmente.

Vem aí no contentor, que já chegou ao cais, um autoclave muito importante para termos no novo Posto de Saúde, as condições de asséptica para todos os instrumentos que diariamente são usados em tratamentos, ali e em mais cinco lugares de nosso atendimento.

Este contentor é o primeiro a beneficiar de isenção de impostos, concedida pelo Ministério da Mulher e Acção Social. Salvo ocasiões de calamidades, sempre tivemos de pagar, pela tabela corrente

PADRE TELMO

Bodas d'ouro

NO dia 29 de Junho Padre Telmo deverá estar numa aldeia no interior de Angola — Kulamuxito — mas deve ter-se esquecido de que foi ordenado presbítero há cinquenta anos: — Que tem tudo isto se as crianças têm grandes necessidades e alguém tem que cuidar do seu bem estar?!

Tive o privilégio de saber como este homem — pai, irmão, e grande companheiro — entrou na Obra da Rua. Claro que não vou nem seria capaz de fazer a sua história, mas, sinceramente, teria um enorme prazer nisso.

A sua «martelada» foi ler, enquanto seminarista, O GAIATO. E, mais não digo porque posso errar numa história tão real e apaixonante como quando Pai Américo abandonou uma vida social cheia de riqueza e se entregou aos Pobres e às Crianças abandonadas, criando as Casas do Gaiato.

É ler O Lodo e as Estrelas e as suas crónicas n'O GAIATO para entendermos este homem e este sacerdote.

Padre Telmo edificou uma aldeia de leproso em Dange-ia-Menha, a duzentos quilómetros de Luanda, que era tratada com muito carinho. Um dia veio a guerra e não se sabe o que foi feito destes seres humanos.

Lembro o Fernando, cego e leproso que conhecia o ruído da nossa velha Bedford a uma distância considerável e mandava tocar o sino da capelinha: eram cânticos de alegria e de uma enorme ternura, tão grande que só assistindo, como eu e outros antigos gaiatos, se pode ter a noção exacta de tanta humanidade.

Eu vi mãos sem dedos, pés que não andavam, caras que metiam medo e Padre Telmo a avisar para falarmos e não tocarmos nos doentes, mas ele tocava em todos e não temia aquela maldita doença.

Para quem conhece Padre Telmo resta agradecer a Deus por estes cinquenta anos que ele tem dedicado aos Doentes e às Crianças, e reconhecer o seu sacerdócio na entrega total à Obra da Rua.

Os nossos parabéns por esta data de que tão orgulhosamente diz: — Fui ordenado no dia de S. Pedro.

Deus seja louvado e ajude este nosso pai, irmão e grande amigo a viver muitos anos com a cruz que Jesus lhe entregou.

Manuel Fernandes

JOSÉ Telmo Ferraz, nascido em Bruçó (Mogadouro) em 25 de

das Alfândegas, tudo quanto um contentor, quase sempre dos maiores, aqui chega, cheio de tudo o que precisamos para manter os rapazes alimentados, vestidos, calçados, com material escolar adequado e o mais para reforçar a Boa Nova aos Pobres que a Obra da Rua aqui encarna. O Padre Carlos tem falado em como as ajudas que chegam, de Portugal a Angola e aqui, se transformam em fonte de promoção humana, tão difícil como urgente e



Novembro de 1925. Seus pais foram José Manuel Ferraz e Isabel Maria Lucas. Entrou no Seminário Diocesano (Vinhais e depois Bragança) em 1937-38.

Ainda seminarista, já teólogo, trabalha no Patronato de Santo António em Bragança com os rapazes e muita eficiência. Foi ordenado de Presbítero na Igreja do Seminário de S. José de Bragança, juntamente com outros seis colegas, no dia 29 de Junho de 1951.

Depois de ordenado foi colocado como pároco de Genísio e Vilar-Seco, transitando desta paróquia para a de Vila Chã e Picote.

Deixou Vila Chã ficando com Picote e como assistente religioso da Barragem que, então, começava em grande força.

Deixa Picote para se entregar totalmente à Barragem, já no auge dos trabalhos.

Do que foi a sua acção neste campo fala o seu livro *O Lodo e as Estrelas*.

Assistiu ainda a Barragem de Miranda do Douro, passando-se daqui para a Barragem de Cambambe (Angola) donde regressa para se integrar na Obra da Rua, partindo novamente para África, onde fundou a Casa do Gaiato de Malanje.

Padre Francisco Moscoso

necessária. E ao falar de promoção, vem-me à lembrança, de Padre Vieira, aquela admirável página literária em que descreve a imagem do escultor que toma uma pedra tosca e rude da montanha e a transforma em obra de arte. Mas logo se sobrepõe São Paulo: «Fiz-me tudo para todos». E vou vivendo nesta luta para que a Esperança não morra antes de mim.

Padre José Maria